

ORALIDADE EM SALA DE AULA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A CONCEPÇÃO DE DOCENTES DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O TRABALHO COM OS GÊNEROS ORAIS

Micaele da Silva Leite¹

Luciana Vieira Alves Rocha²

RESUMO

Este trabalho visa analisar a concepção sobre gêneros orais apresentada pelos docentes de língua portuguesa do ensino médio e as implicações na prática a partir do discurso desses professores. A pesquisa de natureza qualitativa se caracteriza como um estudo de caso, visto que nosso corpus é constituído por questionários aplicados a dois docentes de língua portuguesa, de uma escola da rede pública. Para embasarmos nossa pesquisa utilizamos os estudos de Marcuschi (2008), Schnewly e Dolz (2004), os PCN (1998), Plantin (2008), entre outros que enfatizam a maneira como a oralidade deve ser trabalhada no contexto de ensino. Com a análise dos questionários, observamos que os professores entendem a oralidade como um meio de comunicação coeso e coerente entre os indivíduos e afirmam que ela é carregada de variações. A partir dessa pesquisa foi possível percebermos como vem sendo trabalhado os gêneros orais em sala de aula, bem como pudemos através deste estudo refletir sobre as ações pedagógicas que visem a melhoria do ensino desta modalidade.

Palavras-chave: Concepção docente, Oralidade, Ensino.

INTRODUÇÃO

Desde a criação do mundo, tenha ela uma explicação científica ou religiosa, toda a história individual e coletiva da humanidade está relacionada ao seu convívio social e a fala se constitui como um dos principais meios de interação entre os indivíduos. É através dela que muitas pessoas se relacionam com o mundo e desenvolvem o seu papel social. Porém, sabemos que por muito tempo a escrita foi considerada superior à fala e, assim, esta última foi desconsiderada como um objeto de estudo por muitos teóricos. Saussure (1975 *apud* Araújo et. al 2013) considerou a língua como seu objeto de estudo, pois segundo ele, esta é mais sistemática do que a fala e, conseqüentemente, seria mais fácil estudá-la. O teórico ainda afirmou que elas são dicotômicas, o que posteriormente foi desmistificado por Jakobson (1974 *apud* Araújo et. al 2013). Ele afirmou que entre essas duas modalidades há uma

¹ Graduanda do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB-Campus VI, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência - PIBID, micaeleleite26@gmail.com;

² Professora orientadora: professora da UEPB-Campus VI, mestre em Linguagem e Ensino- UFCG, especialista em Ensino de Língua Portuguesa para a Educação Básica-UFCG, graduada em Letras/Português-UEPB, lucianavieiracg@hotmail.com.

interdependência mútua, sendo que a língua (*langue*) é utilizada para a construção dos âmbitos da fala (*parole*) e o funcionamento da mesma depende da língua.

Sendo a fala um meio de manifestação oral, distingue-se da oralidade, pois esta, segundo Marcuschi (2010),

seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresentam sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora: ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. Uma sociedade pode ser totalmente oral ou de oralidade secundária, [...] nós brasileiros, por exemplo, seríamos hoje um povo de oralidade secundária, tendo em vista o intenso uso da escrita neste país.

Assim, a oralidade como uma modalidade de uso da língua vem sendo palco de discussões entre os linguistas nos últimos anos, uma vez que ela é o meio de comunicação mais utilizado entre os indivíduos em diferentes ambientes e de diversos modos. Foi a partir da década de 90 que a oralidade começou a ser introduzida nos materiais didáticos de língua portuguesa, especialmente depois da publicação dos PCN (1996). Dessa forma, percebemos a necessidade de estudar suas manifestações na sala de aula.

Tendo em vista que é no ambiente escolar que o aluno aprimora suas capacidades de comunicação, faz-se necessário que ele tenha o domínio das mais variadas formas da oralidade e saiba como utilizá-la de maneira adequada nos lugares onde é desenvolvida. Sabemos que trabalhar a abordagem da oralidade a partir dos gêneros em sala de aula ainda não é uma prática comum, como o trabalho com os gêneros escritos. Muitos professores limitam-se ao que entendem por trabalhos orais, como por exemplo, a leitura de textos em voz alta, a participação dos alunos na aula por meio da oralidade oral e utilizam ou se baseiam nessas práticas de ensino para assim dizer que cumprem com o que é proposto pelos PCN. No entanto, nessas aulas de trabalhos com a oralidade, muitos docentes não apresentam de forma específica as diferentes modalidades orais existentes para que os alunos possam identificar a diferença entre elas. Uma vez que, no processo de ensino/aprendizagem do aluno, ele utiliza mais a escrita para seu desenvolvimento intelectual e social do que a oralidade, e muitas vezes não reconhece os gêneros orais e sua importância. Isso acontece devido às exigências dos docentes, que por serem cobrados para terem “bons alunos” (aqueles que sabem escrever bem) terminam focando na modalidade escrita.

Assim, a partir desse contexto delineado, é que surgiu os seguintes questionamentos: Qual a concepção de oralidade apresentada pelos docentes de Língua Portuguesa? e Como a oralidade é trabalhada em sala de aula na visão dos docentes? Para respondermos a tais questionamentos objetivamos: analisar as concepções dos docentes e identificar as implicações

dessas concepções nas suas práticas a partir do discurso apresentado por eles. Para tanto, realizamos um estudo de caso com dois professores do ensino médio de uma escola de tempo Integral da Rede Estadual de Ensino da cidade de Tuparetama – PE.

Nosso corpus de análise é constituído por um questionário aplicado aos professores colaboradores da pesquisa. Para embasar este estudo, utilizamos os pressupostos teóricos Marcuschi (2008), Marcuschi (2010), Schneuwly e Dolz (2004), Araújo et al. (2016), Cavalcante e Melo (2006), Golçalves (2016), Plantin (2008) e os PCN (1998).

Esta pesquisa pretende refletir sobre o trabalho com a oralidade em sala de aula, fazendo com que os docentes repensem as práticas de ensino dessa modalidade na escola e a sua relevância para a formação dos indivíduos, considerando que a oralidade contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos.

O trabalho está organizado em oito seções, além desta introdução, apresenta os seguintes tópicos: Oralidade: do contexto de uso para as práticas escolares, Meios para realização da pesquisa, Concepções de oralidade dos professores de Língua Portuguesa e implicações para o ensino; fundamentação teórica; metodologia utilizada para obtenção das informações para a construção desse artigo; análise dos dados e a conclusão do mesmo.

1. Oralidade: do contexto de uso para as práticas escolares.

A oralidade é aprendida pelo indivíduo muito antes da escrita, porém, pouco valorizada no ambiente escolar. Desse modo, é importante ressaltar que quando os alunos chegam à escola, já têm certo domínio da oralidade no contexto de uso mais informal, o que a escola deve fazer é aprimorar essa bagagem que o aluno possui introduzindo-o aos gêneros orais formais. Em Schneuwly e Dolz (2004), vemos que esse domínio do oral ao qual nos referimos se dá pela interação vivenciada pelas crianças no contexto social. Ao chegarem à escola, elas conversam com seus colegas sobre sua família, sobre o que fizeram nos dias anteriores ou sobre o que farão nos próximos dias, conseguem fazer perguntas mais ou menos estruturadas e “persuadem seus pais com estratagemas sutis.” (p. 126). Porém, como diz Plantin (2008), por muitas vezes o ensino da oralidade é voltado apenas a adaptar a fala do educando com a norma padrão da língua materna, o que faz do ensino do oral um meio de utilizar as regras da língua escrita para a correção da fala e isso termina intimidando os alunos a se expressarem por acreditarem que todas as vezes que falarem irão utilizar a língua de modo inadequado e serão corrigidos. Marcuschi (2010) explica que esse ensino acontece porque os docentes tendem a pautar a fala pelas regras da escrita, sem considerar as peculiaridades inerentes a cada modalidade e a cada

contexto de uso. Plantin (2008) também frisa que se faz necessário trabalhar a oralidade baseada no processo e não simplesmente no resultado. Assim, deve-se ensinar as práticas efetivas de uso da oralidade através dos gêneros textuais orais e a finalidade de cada gênero, antes de exigir do aluno que faça um trabalho oral, como debate ou seminário sem que este tenha ideia do que se trata. Desse modo, obter-se-á um *feedback* positivo do trabalho com os gêneros orais em sala de aula.

Segundo Plantin (2008), o ensino da linguagem oral deve fazer com que os indivíduos aprendam ao menos a “expressar seus sentimentos, experiências, idéias e opções individuais. Expressar-se em diferentes situações. Expressar-se de diferentes maneiras. Conhecer e respeitar as variedades lingüísticas do português falado.”. Assim, “os falantes terão a possibilidade de expandirem o uso da linguagem em suas modalidades oral e escrita, além de perceberem que não há fronteiras entre o falar/escutar e o ler/escrever: há um *continuum*.” (PLANTIN, 2008, p. 63).

Essa ideia de *continuum* também é marcada pelos estudos de Marcuschi (2008), em que o autor apresenta a proximidade entre os gêneros orais e escritos sejam eles informais ou formais. Temos, portanto, como exemplo de gêneros informais o recado (oral) e o bilhete (escrito), em que ambos são utilizados no mesmo contexto de uso da linguagem; por outro lado, a palestra e o artigo científico se aproximam em um contexto de uso mais formal da linguagem e ambos requerem um planejamento maior. Dessa forma, podemos dizer que o trabalho com a oralidade é de suma importância no ambiente escolar, uma vez que é através dessa modalidade que o indivíduo interage em sociedade (exceto uma minoria que não utiliza a oralidade como meio de comunicação) e deve adequar-se aos diversos contextos sociais nos quais está inserido.

Os PCN de 1998 afirmam que: “Ensinar a língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania.” (p. 67). Ou seja, aprender sobre os diferentes modos de utilização da linguagem oral permite que as pessoas possam se comunicar nos meios sociais aos quais estão inseridas de modo adequado a cada situação.

Ainda em relação ao ensino do oral, os PCN destacam que

ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apóiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas (exposição, relatório de experiência, entrevista, debate etc.) e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo (debate, teatro, palestra, entrevista etc.).

Diante dessa afirmação, podemos inferir que é de suma importância trabalhar os gêneros orais para que através deles os alunos façam associações ao seu cotidiano, relacionando o que aprendem ao seu contexto de uso e, dessa forma, saibam como se portar diante de uma exposição oral, debate ou entrevista, por exemplo.

A respeito do ensino da oralidade, Plantin (2008) relata que este é, muitas vezes, voltado para a leitura em voz alta, o que não é um problema se feito de maneira adequada, o fato é que não se diz para quê e como se faz essa leitura, acarretando a um tanto faz dessa modalidade de ensino.

Diante disso, percebemos que a Linguística tem contribuído para que a oralidade não seja apenas um objeto de estudo no Brasil, mas como afirmam os estudiosos Araújo et al. (2016), que seja também um objeto de ensino, contemplando os diferentes níveis de escolarização e o seu contexto de uso. Bakhtin (2000, p. 282 *apud* Araújo et al. 2016, p. 32), por sua vez, afirma que “aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas)”. Ele afirma que é a partir da oralidade que os enunciados são utilizados. Por muitos anos, a oralidade foi vista apenas como uma manifestação espontânea e, dessa forma, pensada como algo desorganizado. Nos PCN (1998), vemos que o ensino da oralidade deve ser voltado para “promover situações de uso da fala adequadas ao contexto de uso” (p. 20), sendo esta uma atividade importante, uma vez que aprendemos aquilo que praticamos.

Tendo em vista a importância do trabalho com essa modalidade em sala de aula de forma sistematizada, sabemos que o professor exerce um papel fundamental no ensino dos gêneros orais, uma vez que a sua concepção sobre os mesmos pode implicar na metodologia utilizada por ele e conseqüentemente no modo como os alunos irão apreender o conteúdo. Diante disso, vemos nos estudos dos linguistas Dolz & Schneuwly (2004) algumas concepções sobre a oralidade apresentadas por eles, dentre elas, destacamos o *oral como aquilo que é dito em voz alta*, em que faz referência à fala; o *oral como fala espontânea*, referindo-se à fala improvisada em situação de comunicação e, a *escrita oralizada*, sendo o texto lido ou recitado. Gonçalves (2016) apresenta quatro concepções de oralidade, são elas: o *oral espontaneista*, relacionado a se expressar de acordo com o que pensa; o *oral como suporte para o ensino de conteúdos escolares*, como, por exemplo, “expor seus conhecimentos sobre a temática”; a *oralização da escrita*, mesma concepção adotada pelos linguistas supracitados, e, o *oral como modalidade linguística de uso*, em que há o trabalho sistemático dos gêneros, refletindo sobre seus usos na sociedade, podendo utilizar a língua oral em diversos contextos de uso.

Dessa forma, é com base nessas concepções apontadas pelos teóricos que analisamos os discursos presentes nas respostas dos docentes a fim de identificarmos qual a perspectiva dos mesmos sobre oralidade e as implicações nas suas práticas docentes.

2. Contextualizando a pesquisa

A pesquisa delineada se caracteriza como qualitativa, pois parte da análise e interpretação das respostas dos docentes ao questionário, apresentando, como afirma Gerhardt e Silveira (2009) “respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos.” (p. 32) e de campo, pois foi realizada a coleta de dados através de questionários com o objetivo de obter informações diretas da realidade.

O corpus da pesquisa é constituído por um questionário aplicado a dois professores do Ensino Médio de uma escola em tempo integral da cidade de Tuparetama, Pernambuco. Em relação aos colaboradores do presente estudo, contamos com a participação de um professor graduado em Letras-Português/Inglês em 2007, com Especialização em Língua, Linguística e Literatura e pós graduando em Psicopedagogia Institucional e Clínica. A professora também é graduada em Letras-Português/Inglês, concluído no ano de 2001.

Esse questionário foi aplicado no ano de 2018, contendo quatro perguntas sobre a concepção de oralidade dos professores e como ela é trabalhada em sala de aula. Para isso, perguntamos aos docentes: “Como você define a oralidade?” “Como é trabalhada a oralidade em sala de aula?” “Qual a importância de trabalhar o gênero oral no ambiente escolar?” e “Você acredita que os livros didáticos utilizados em sala de aula apresentam atividades suficientes para trabalhar a oralidade?” A partir das respostas a essas indagações pudemos analisar as concepções dos mesmos acerca da oralidade.

É importante salientar que os docentes tiveram cerca de duas semanas para responder ao questionário. Dessa forma, podem ter pesquisado e planejado melhor as respostas e não terem sido respondidas de acordo com o conhecimento prévio dos mesmos sobre o tema. Isso nos sinaliza para uma possível manipulação das respostas que não traduzam com fidelidade o que realmente os docentes concebem como oralidade. Contudo, ressaltamos que a presente pesquisa serve de base para a reflexão e discussão sobre a prática docente para o ensino do oral.

3. Concepções de oralidade dos professores de Língua Portuguesa e implicações para o ensino.

Sabendo que as práticas de ensino do oral partem das concepções que se tem sobre o mesmo, faremos a análise das respostas dos docentes às perguntas contidas no questionário para identificarmos qual a concepção sobre oralidade dos mesmos e como se dá a prática dessa modalidade em sala de aula. Dentre os dois professores entrevistados, a professora respondeu que a oralidade *é um dos eixos importantes da língua portuguesa, onde o locutor e interlocutor tem que interagir, em consideração aos elementos da situação discursiva envolvida, atendendo itens relevantes como: coerência e coesão adequados a uma situação de oralidade*³.

Assim, percebemos que sua visão está voltada para a oralidade como um meio de interação entre os indivíduos, concepção esta relacionada ao que Gonçalves (2016) afirma sobre o trabalho com o gênero, em que parte da interação entre os sujeitos, considerando a situação discursiva, ou seja, envolvendo o contexto de produção do gênero. A docente acredita que é importante trabalhar a oralidade no ambiente escolar para que *os educandos sejam capazes de fazer uso da sua própria língua materna, interagindo entre si, e tentando facilitar as peculiaridades de cada discurso comunicativo específico*, ressaltando, dessa forma, a interação e o contexto de uso para o trabalho com os gêneros textuais, pois visam o contexto de produção e a finalidade de cada texto, seja ele oral ou escrito. Diante disso, vemos que Bakhtin (2000) explica esse conceito ao dizer que a língua materna se manifesta nos indivíduos através do que ouvem e reproduzem na troca de experiências entre si.

Ou seja, o indivíduo já possui uma língua e o que precisa é desenvolvê-la a partir da interação entre sujeitos, adequando-a a cada situação discursiva e a escola pode contribuir com essa prática através do ensino dos diferentes gêneros orais. Diante disso, Schneuwly e Dolz (2004) declaram que a ação de falar acontece com base em determinado gênero, sendo ele um instrumento para proceder linguisticamente.

A docente afirma que trabalha a oralidade através de debates *propostos em situações problemas, com análise e prática dos gêneros orais do currículo; exercitando os discursos comunicativos presentes na rotina de cada um*. Em relação ao uso dos livros didáticos a professora colaboradora afirma que eles não apresentam atividades suficientes para trabalhar a oralidade, dessa forma, utiliza materiais extras para que essa modalidade seja estudada em sala de aula. As autoras Cavalcante e Melo (2006) confirmam isso ao afirmarem que a grande maioria dos autores dos materiais didáticos “não sabem onde e como situar o estudo da fala”.

³ As respostas estão transcritas no trabalho tais como os docentes responderam ao questionário.

Assim, “os livros dão a impressão de que a análise da fala figura apenas como curiosidade” (CAVALCANTE & MELO, 2006, p. 182). Afirmando ainda que a maioria das atividades presentes nos livros didáticos referentes ao ensino da oralidade limita-se em pedir que os alunos deem sua opinião sobre determinado assunto ou converse com o colega sobre o que está sendo estudado.

Já o professor entrevistado respondeu a primeira pergunta do questionário (Como você define a oralidade?) da seguinte forma: *A oralidade (fala) é adquirida naturalmente quanto prática e faz-se uso dela para interação entre sujeitos. Ela é carregada de variações que precisam ser lapidadas.* A resposta do docente nos sinaliza a concepção de oral espontâneo, como apresenta Gonçalves (2016), visto que ele associa a oralidade ao lugar da variação. Ao expor que estas “variações precisam ser lapidadas”, também notamos a postura apresentada por Marcuschi (2008), de que as práticas de uso do oral em sala de aula, muitas vezes, serve para regular e analisar o oral com as mesmas normas da escrita. Esta prática está atrelada ao uso da oralidade como pretexto para a correção gramatical e para o ensino de conteúdos. Em sua concepção, a oralidade está relacionada à fala, uma das perspectivas do oral apresentadas por Schneuwly e Dolz (2004) - *o oral como fala espontânea* - e, quanto à lapidação, seria fazer adequações da oralidade (fala) do aluno para adaptá-la ao contexto formal.

Cavalcante e Melo (2006) ressaltam que o trabalho com a oralidade está relacionado a “identificar, refletir e utilizar a imensa riqueza e variedade de usos da língua na modalidade oral.” (p. 183). Por sua vez, o docente afirma que o trabalho da oralidade realizado por ele é feito juntamente com a prática de leitura e escrita em que os educandos podem melhorar o vocabulário e adequá-lo ao seu contexto de uso sempre que possível. Assim, percebemos que há a presença de duas concepções em sua abordagem, a escrita oralizada, através da prática da leitura e a oralidade como pretexto para ensinar um conteúdo, como o ensino da escrita e para melhorar o vocabulário. Apesar de citar a questão da adequação ao contexto de uso, o professor não indica como essa necessidade de adequação pode ser abordada em sala de aula, que seria através dos gêneros textuais orais (formais e informais). Assim como a professora citou, o docente afirma que os livros didáticos não são suficientes para trabalhar a modalidade oral em sala de aula, pois os mesmos apresentam atividades limitadas sobre a oralidade.

Ao responder qual a importância de trabalhar a oralidade no ambiente escolar, o professor afirma que é necessário haver uma valorização quanto ao uso da língua materna. Deve-se, segundo ele, *levar o educando a ‘caminhar’ por entre o oral e o escrito, com o intuito de refletir sobre o que leem/ou escrevem.* Notamos que o professor associa o oral com a leitura, porém as práticas de ensino do oral devem ir além dessa ação e explorar o contexto real de uso

da oralidade, através do trabalho com os gêneros. Como exemplo disso, Schneuwly e Dolz (2004) dizem que “uma atividade como a leitura em voz alta para o outro encontra-se no cruzamento entre oral e escrita, visto que supõe uma interpretação oral, para uma audiência, de um texto escrito de autor.” (p. 140), os autores ainda explicam que esse método de relacionar o oral com o escrito acontece com frequência na sala de aula e a afirmação do professor justifica isso.

As respostas dos docentes também nos sinalizam para duas concepções de oralidade, a *oralização da escrita* e o *oral como linguística de uso*, que são apresentados por Gonçalves (2016), como já vimos anteriormente. Um exemplo disso é o trabalho com a oralidade pelo professor em que se baseia na escrita oralizada, um dos métodos apresentados por Schneuly e Dolz (2004) e Gonçalves (2016), em que o docente afirma que através da leitura e escrita os alunos desenvolvem o vocabulário e melhoram suas práticas orais da língua materna adequando ao contexto de uso sempre que possível, em que vemos também a presença do oral como linguística de uso.

Assim, as concepções da modalidade oral adotadas pelo docente, como a oralização da escrita e o oral como fala espontânea, bem como a concepção da oralidade adotada pela docente, do oral como modalidade linguística de uso, implicam no modo como irão trabalhar essa modalidade em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a partir da análise das concepções do oral evidenciadas pelos docentes de língua portuguesa do ensino médio e das implicações na prática a partir do discurso desses professores percebemos que suas concepções acerca dessa modalidade oral estão pautadas na oralização da escrita, no oral como fala espontânea e no oral como modalidade linguística de uso. Assim, através da análise das respostas dos professores quanto ao trabalho com a oralidade, notamos que suas práticas em sala de aula são o reflexo daquilo que entendem por essa modalidade, em que relacionam a leitura e escrita aos gêneros orais e também utilizam os gêneros no trabalho da oralidade que está presente no currículo de modo a exercitar os discursos comunicativos que estão presentes no cotidiano de cada indivíduo. Os docentes entendem que a oralidade é um meio de interação entre os indivíduos e que se faz necessário considerar o contexto de uso para o desenvolvimento da mesma.

Desse modo, ressaltamos a importância de se trabalhar os gêneros orais em sala de aula para que os discentes entendam que há diferentes meios de utilização da língua oral e que eles

possam se adequar aos diferentes ambientes que caracterizam o tipo de linguagem a ser usada. Assim, é importante que os docentes tenham uma formação continuada para que tenham conhecimento das teorias e metodologias de ensino que envolvam o trabalho com os gêneros textuais em sala de aula, mas especificamente com os gêneros orais. Desse modo, haverá um trabalho bem mais elaborado e eficaz da oralidade no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Denise Lino de. Et al. Estudos de oralidade: o ponto de vista na percepção do objeto e suas implicações para a formação docente. In____. **Estudos de oralidade em foco: conceitos, descrição e experiências de ensino**. São Paulo: Pontes editores, 2016.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. [Trad. Maria E. Galvão e revisão por Marina Appenzeller]. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAVALCANTE, Mariane C. B.; MELO, Cristina T. V. de. Oralidade no Ensino Médio: em busca de uma prática. In: **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GONÇALVES, Evany da Silva. **Agir docente no ensino dos gêneros orais: cenas de formação e de atuação em sala de aula**. Paraíba, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: Atividades de retextualização**. 9º ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: Atividades de retextualização**. 10º ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PLANTIN, Rosemeire Selma Monteiro. O ensino da oralidade centrado no processo de produção de textos. In___. **Ensino de língua materna na perspectiva do discurso: uma contribuição**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004.